

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 1 - PAISAGEM CULTURAL: UM CONCEITO EM DISCUSSÃO E SUAS TIPOLOGIAS - PAISAGEM E GEOGRAFIA / PAISAGEM E ARTE / PAISAGEM E ARQUEOLOGIA / PAISAGEM E AMBIENTE / PAISAGEM E PATRIMÔNIO / PAISAGEM URBANA E PAISAGEM CULTURAL / JARDINS HISTÓRICOS E PAISAGISMO / PAISAGENS RURAIS, INDUSTRIAIS E DA MINERAÇÃO / CATEGORIAS DE PAISAGEM DA UNESCO E SUA APLICABILIDADE / ROTAS E ITINERÁRIOS CULTURAIS.

ENQUADRANDO A PAISAGEM E DESENQUADRANDO A ARTE: OS MUSEUS DE LINA BO BARDI E A PAISAGEM CULTURAL

José Alberto De Oliveira Grechoniak (joseagrechoniak@gmail.com)

Laura Attuati (laura_attuati@hotmail.com)

No século XX, as dimensões social e urbanística dos museus foram pautas dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAMs) que, desde sua quarta edição (Atenas, 1933), já os reconheciam como fundamentais nos programas de reconstrução e planejamento das cidades. No entanto, foi no VIII CIAM (Hoddesdon, 1951) intitulado como *The Heart of The City*, que foram apresentadas estratégias para a implantação destes equipamentos nos núcleos urbanos que, próximos a outros edifícios culturais, atuariam como organismos vivos e de utilização contínua.

Observa-se, contudo, que em relação à história canônica da Arquitetura Moderna, os museus ex-novo foram pouco explorados, visto que a Europa pós-guerra priorizou, em caráter emergencial, a reconstrução de programas

essenciais, como a habitação. Por outro lado, o contexto brasileiro mostrou-se destoante, uma vez que se inseriu em meio a um processo de industrialização, expansão da construção civil e transformação da paisagem, viabilizando estas edificações. Nesse panorama, a obra de Lina Bo Bardi (1914-1992) ganha relevância, ao redefinir o papel do museu e sua relação entre arte, arquitetura e paisagem.

Neste estudo, propõe-se analisar dois projetos da arquiteta, o Museu de São Vicente, na Baía de Santos (1951) e o Museu de Arte de São Paulo, na Avenida Paulista (1957-1968), a partir do entrelaçamento entre arte e paisagem. Caracterizados pelo espaço diáfano, os projetos estabelecem permeabilidade visual e espacial entre o volume edificado e a paisagem cultural, definida pela interação entre as ações humanas e o meio natural, alinhando-se, portanto, a este eixo temático.

Parte-se da ideia de que, nesses museus, a paisagem desempenha uma função central na experiência museal. Assim, Lina realiza um duplo movimento: enquadra a paisagem por meio de dispositivos arquitetônicos e museográficos e desenquadra a obra de arte ao adotar novos modelos expositivos.

Em ambos os projetos, é o prisma elevado e transparente que permite a integração com a paisagem cultural, seja ela urbana ou natural. Na proposta à beira do oceano, esse diálogo se estabelece pela fachada principal envidraçada e subtrações volumétricas destinadas a pátios e jardins suspensos. Nestes, as plantas alheias ao ambiente costeiro figuram em meio as esculturas e aos próprios visitantes, em um amálgama de pinceladas sobre o já enquadrado mar. Já no projeto da Paulista, a cidade é incorporada à obra através do belvedere e uma nova paisagem é proposta ao reconstruir o monte em que se assenta. Simultaneamente, a adoção de panos de vidro no bloco superior somada aos cavaletes de cristal subverte a expografia tradicional possibilitando a percepção, em um mesmo espaço e tempo, das obras expostas, do ambiente em que se inserem e da cidade.

Enquanto Forty (2000) afirma que a natureza foi colocada de lado pelo modernismo, Lina Bo Bardi, em *Contribuição Propedêutica ao Ensino da Teoria da Arquitetura* (1957), já expunha a relação exploratória das construções sobre

o ambiente. A análise dos exemplares selecionados demonstra que sua visão não se restringe à utopia do natural intocado; ao contrário, a natureza é posicionada aos olhos do público para que lhe seja atribuído o valor de arte.

Palavras-chave: lina bo bardi; paisagem cultural; museus.